

Mocidade Cristã

Ano XV

Janeiro a Março de 1953

Número 58

O Côro

Há anos escrevemos um artigo sobre «USO E ABUSO» do côro. Aqui segue uma lista de abusos que vimos e dos quais temos ouvido. Depois sugerimos o remédio.

Abusos e Queixas

- (1) O Maestro escolhe membros por causa da qualidade da voz, sem considerar se são ou não espirituais.
- (2) O côro gasta tempo demais em ensaios, o qual devia ser empregado, com mais proveito, em estudar a Palavra de Deus.
- (3) O Maestro escolhe hinos desconhecidos pelos crentes da congregação e que não estão nos livros que se usam nas reuniões.
- (4) Os membros do côro ficam calados quando outros hinos, não ensaiados a quatro vozes, são citados, deixando assim os outros membros da congregação cantar sem seu auxílio.
- (5) Escolhem hinos para cantar devido à música, cujas palavras são de pouco proveito, ou com músicas que levam muito tempo para aprender.
- (6) Os membros do côro que têm serviço local (como professores da Escola Dominical) deixam sua responsabilidade para ir com o côro a outras localidades cantar, especialmente nos «aniversários» e festas.
- (7) Em tais reuniões, querem ficar na frente e, assim, os outros crentes e descrentes são enxotados dos bancos. Depois de cantarem, os moços e moças ocupam todos os bancos roubados dos primeiros ocupantes, e es-

tes, às vezes, têm de ficar em pé ou ir embora.

- (8) Moços e moças vão, desta maneira, perdendo a modéstia natural.
- (9) Os coristas ficam nos bancos da frente, impacientes até que o pregador termine, afim de cantarem outra vez. Não prestam atenção, ficam amolando o pregador, às vezes, virando às páginas dos seus hinários. Em vez de serem bons exemplos, são os piores possíveis.
- (10) O côro produz invejas e ciúmes entre os rejeitados e os escolhidos para tomar parte nele.
- (11) Torna-se um divertimento e substitui a pregação do Evangelho.
- (12) Suscita rivalidade entre coros, quando aranjam torneios para ver quais são os melhores cantores!

Remédio.

- (1) Converter o côro numa classe para aprender a cantar a quatro vozes sem ter membros. Todos os que querem assistir aos ensaios podem fazê-lo e com o direito de cantar para aprender, mesmo como uma classe na Escola dominical.
- (2) O Maestro deve escolher hinos fáceis de aprender e que estejam no livro usado pela congregação.
- (3) Não ajuntar os cantores durante as reuniões de culto ou de pregação, mas deixá-los espalhados no meio da congregação. O cântico da comunidade é sempre mais popular do que qualquer côro, e soa melhor, porque as vozes salientes são abafadas pelas da congregação.
- (4) Ensinar aos cantores que têm

serviço local, a importância de cumprir seu dever.

Um aniversário da inauguração duma Casa de Oração deve ser a última ocasião para um cântico funcionar, porque (a) os bancos estarão lotados, e a preferência deve ser concedida aos descrentes; (b) a presença dum cântico querendo ocupar os bancos da frente, produz confusão; (c) haverá pregadores convidados, e será muito mais importante que os ouvintes escutem a pregação do Evangelho do que ouçam um cântico; (d) um hino cantado por uma grande comunidade é muito mais popular do que quando cantado por coristas. Recentemente recebemos carta dum parente que, numa reunião de moços e moças em Londres, perguntou à assistência de muitos milhares de pessoas sobre que ela preferia: solos, coros, ou cântico em conjunto. O último foi a resposta de quase todos.

Em tempo de avivamento o cantar de hinos torna-se muito popular, mas pela comunidade, e não pelo cântico só. Nos lugares onde o Evangelho entra e há animação, não há lugar para coros, mas o povo todo canta alegremente. Quando o poder está diminuindo o cântico surge, às vezes seguido de apresentações teatrais, ou «teatrinho», para divertir o povo. Podemos imaginar o Apóstolo Paulo aconselhando os crentes nas igrejas a adotar tais métodos?

Cantar bem serve para atrair o povo, e os crentes devem cantar o melhor possível, mas são as palavras e não a música somente que podem converter a alma.

No número trinta de nosso jornal incluímos um artigo sobre o «O CÔRO» escrito há anos pelo irmão Gersom Antunes, já falecido. Um parágrafo diz o seguinte:—

«Um dos maus empregos do cântico é a sua exibição carnal e vaidosa, quer

no local, quer nas visitas feitas a lugares distantes, viagens promovidas sem motivos e sem objetivos que mereçam a aprovação do Senhor». Hoje em dia o dinheiro é mais abundante e o abuso, referido por nosso saudoso irmão, está crescendo porque há mais facilidade em viajar. Recentemente, numa reunião para celebrar o aniversário da inauguração duma Casa de Oração, vieram de longe coros para cantar. O resultado foi que alguns visitantes não puderam entrar no salão. Encontramo-nos com um amigo interessado no Evangelho há tempo, mas morava longe de qualquer crente. Viajou nesse dia 6½ léguas a cavalo, para assistir à pregação, mas devido à presença dos coros, não pôde entrar. Voltou para casa sem ouvir o Evangelho, embora andasse 13 léguas naquele dia com o propósito de assistir à pregação. Se o dinheiro gasto nesses passeios fôsse empregado em comprar tratados ou Testamentos, e o tempo da viagem usado em distribuí-los, haveria muito mais proveito para descrentes, para coristas, e para os pregadores que têm de sofrer a amolação e confusão causadas num «aniversário» pelos coros visitantes.

W. Anglin

A Maldição do Modernismo

Recebemos um folheto com este título, publicado pelo Sr. L.M. Bratcher. A leitura é horripilante, e faz o crente sentir arrepios. Trata do progresso (um regresso terrível) do modernismo nos seminários nas igrejas batistas dos Estados Unidos da América do Norte. É semelhante ao relatório da Conferência Evangélica Pan-Americana em S. Paulo em Julho de 1951, o qual descreve a mesma apostasia entre os metodistas e pres-

biterianos. Felizmente as denominações no Brasil não têm caído tanto no modernismo. Já têm alcançado aqui em certos lugares o primeiro degrau na descida, mas será bom olhar para as profundezas abaixo onde termina a escada. No Brasil alguns têm engulido a primeira mentira do Diabo: «Tem Deus falado?» e já duvidam da Palavra de Deus.

Quando começamos nossos artigos contra o modernismo, alguns leitores pensavam que a «Mocidade Cristã» era a «única pedra na praia» na campanha contra este mal. Agora temos companheiros. Dissemos que o modernismo era como o cupim nos estãos da casa, vai roendo, roendo até derrubar a casa. Entrou já na Casa Metodista e na Casa Presbiteriana. Entendemos que no Brasil a Casa Batista está livre ainda da peste. Se um leitor quiser saber a profundidade da apostasia, onde termina o maldito modernismo, convém pedir um exemplar do folheto, ao Sr. L. M. Bratcher (Caixa 2844, Rio de Janeiro).

Seguem agora excertos traduzidos de dois livros ingleses, ambos mostrando o perigo do primeiro passo: a negação da autoridade e inspiração das Santas Escrituras.

UMA CITAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO AMERICANA PARA O ADIANTAMENTO DO ATEÍSMO

(traduzido de «THE LORD'S RETURN» por Dr. W. Graham Scroggie)

«Embora não gostamos dos modernistas por causa da sua acomodação ilógica, devemos compreender que, para muitos, o Modernismo é apenas um passo no caminho ao Ateísmo. Talvez devamos ter um pouco de paciência com estes nossos irmãos mais fracos, visto que se acham incapazes de ir diretamente da Ortodoxia ao Ateísmo, sem descansar um pouco nos campos do liberalismo. Não sendo o Modernismo um descanso per-

manente para a mente racional, cremos que alguns chegarão (ao Ateísmo).»

TRADUÇÃO DE OUTRO LIVRO

«Quantos, por ora, vagueando no triste deserto da incredulidade, há tempos teriam recuado com horror, se lhes tivesse sido pedido renunciar o cristianismo, cuja fé tem sido minada pela insinuação de dúvidas concernentes às Escrituras, as quais são usadas pelo inimigo das almas, à maneira de cunha, a fim de lhes afrouxar os alicerces da crença na Palavra de Deus; porque, sendo uma vez abalada a autoridade das Escrituras, tudo que é do sobrenatural, rapidamente se desmorona, os milagres, a doutrina da reconciliação, a verdade da ressurreição, tudo, com efeito, que mostra o Cristianismo como sendo a revelação de Deus, e que procede de Deus, pouco a pouco é renunciado, até que, por fim, não resta nem sequer uma tábua para servir de barco para levar a alma através do oceano tenebroso da eternidade.»

Um número recente dum jornal americano diz: «O modernismo não tem mensagem, porque nega a única esperança do mundo, Cristo e a Bíblia. Tem sua raiz na Evolução e por isso é podre até ao coração. Ele chama fraqueza o que Deus chama iniquidade. Recomenda cultura no lugar da Cruz do Calvário. Quer fazer uma revisão da Bíblia e modernizar o Evangelho. O modernismo nunca convenceu um pecador ou salvou uma alma. Nunca mudou um bêbado num discípulo, nem transformou um criminoso num cristão. Nega a Bíblia e o sangue, e zomba da bendita Esperança. A Ira de Deus permanece sobre o modernismo.»

O escritor de A MALDIÇÃO DO MODERNISMO diz: «Os declarados inimigos de Cristo estão atacando a fé cristã abertamente. Desta campa-

«nha não tenho medo. Os supostos amigos de Cristo estão atacando a fé cristã encobertamente. Dêste ataque tenho um medo desesperado.» Concordamos.

W. Anglin

Darwin e a Vida Eterna

Em 1879 um estudante alemão escreveu ao Sr. Carlos Darwin, perguntando-lhe se a ciência ensinava algo acerca de uma vida vindoura. O estudante recebeu a seguinte resposta: «Estou muito ocupado, um homem velho, e sem saúde, portanto não posso dispor do tempo necessário para dar uma resposta ampla às suas perguntas, nem, na verdade, existe resposta. A ciência não tem nada com o Cristo, senão na medida em que o hábito de pesquisar cientificamente faça um homem cauteloso em anuir a evidência. Eu para mim não acredito que jamais houvesse uma revelação. Quanto a uma vida futura, cada um deve julgar por si mesmo entre vagas possibilidades.»

Outro homem velho, muito ocupado e sem saúde, e mais ainda, um prisioneiro, escreveu assim a outro jovem estudante num tom bem diferente: «Eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia!»

Que distância infinita existe entre «possibilidades vagas» e as «certezas divinas»!

Excertos dum artigo sobre a oração

(*"Alimento Espiritual"*)

Dirige-te a Deus Pai, ou ao Senhor Jesus Cristo. Se, durante toda a tua oração, te dirigiste ao próprio Senhor Jesus Cristo, não a termines dizendo

«em nome do Senhor Jesus». Não faria sentido. Isso é para quando te dirigires a Deus Pai, perante o Qual só te podes apresentar em nome do Senhor Jesus, Único Mediador entre Deus e os homens.

Não faças untuosas meditações perante Deus e os homens, mas ora! Não faças discursos expondo as verdades da Palavra. Deus conhece-a muito bem, pois que foi Ele que a insiprou aos Seus servos que a escreveram. Aproveita a hora de oração para mencionar necessidades «por meio de oração e súplicas com ação de graças».

Não digas demasiadas vês «O' Senhor, Senhor, O' Jesus, O' Deus» etc... Às vês ouvimos isso em cada frase proferida em oração. Chega a ser irreverente.

Ora em voz alta, e distintamente, de forma que te ouçam e compreendam e que os demais possam dizer «amém» à tua oração. No entanto, não grites. Seria irreverente e, além disso, Deus não é surdo.

Guido W. Oliveira

Palavras de Escritores de Tempos Antigos

Muitas mulheres destroem a sua formosura pela mal-entendida aspiração de se fazerem mais formosas.

— Bossuet (Bispo católico de Meaux, França, 1627 a 1704).

As Santas Escrituras podem ser compreendidas somente pela graça de Deus e são entendidas apenas pelo homem que é pobre de espírito. Não é por meio de ensino ou sabedoria humana que ele as conhece; mas o Espírito Santo o guia em toda a verdade para compreender o que está escrito nas Escrituras, como Cristo explicou aos Seus discípulos: «A

vós é dado saber os mistérios do reino de Deus»; mas não aos que eram orgulhosos de espírito.

— João Tauler (1290 a 1361)

Estuda sôbre Romanos

Capítulo 7

O capítulo seis trata da libertação do cativo do pecado. O capítulo sete explica como o cristão é libertado da servidão da Lei.

A Lei de Deus, como dado no Velho Testamento, é ilustrada neste capítulo pela lei do matrimônio. A morte quebra o laço. Nossa aceitação da morte de Cristo como o meio de nos libertar da servidão do pecado, também nos livra da sujeição à lei ou da maldição da lei transgredida.

O pecado é considerado como mau senhor mas a lei é boa em si. A morte quebra o laço mesmo como no caso de marido e esposa.

O mal não está na lei, que é santa, e o mandamento justo e bom. A lei é espiritual, mas a carne é ruim, nela não habita bem algum. O carpinteiro pode ser bom oficial, mas não pode fazer uma boa obra de madeira podre.

O Apóstolo então explica por sua experiência a luta entre as duas naturezas — a «carne» (nossa natureza pecaminosa) e a nova natureza que recebemos em Cristo. Lemos em 2 Coríntios 5:17 que alguém em Cristo é nova criatura (ou criação). Esta nova criação ou natureza tem bons desejos e quer fazer o bem, mas a velha natureza impede sua operação. Nos versículos 14 a 25 ele descreve a luta entre o «Eu» (que representa a natureza espiritual) e a natureza carnal. Produz uma condição miserável. No versículo 24 usa a ilustração do

castigo imposto a um criminoso daquele tempo; um cadáver era amarrado ao homem vivo, como castigo. Ele pergunta: «Quem me livrará do corpo desta morte?» A resposta está no último versículo: «Jesus Cristo, nosso Senhor». E' nosso SENHOR, nosso Mestre.

Correspondência

Recebemos uma carta, sem endereço postal, dum leitor que mora na roça, pedindo explicação da palavra CULTO. Não é fácil definir a palavra. O Correio teria mais dificuldade em procurar a residência do nosso estimado correspondente, por isso destruimos a carta que começamos a escrever em resposta, sabendo que voltaria ao «remetente». Sendo uma questão de algum interesse responderemos pelo nosso jornal.

Devido ao uso e abuso da palavra, precisamos dar uma explicação e não uma mera definição. E' sempre importante que evitemos, o quanto possível, o uso duma palavra em diversos sentidos. A palavra, às vezes, significa «religião» como no caso de «culto maometano». Mas nosso correspondente pensa mais no sentido em que empregamos a palavra entre os crentes.

Pergunta. Deve ser a palavra CULTO usada para indicar a pregação do Evangelho ou oração a Deus?

Resposta. Podemos tomar como nosso padrão a palavra como empregada em Romanos 12:1 — «vosso culto racional». Neste caso é usada num sentido figurativo. O original da palavra neste versículo refere-se ao serviço na Casa de Deus, e que é oferecido a Deus. E' o sacrifício vivo de nossos corpos, que devem ser apresentados a Deus. Neste caso não convém empregar a mesma palavra

para descrever serviço feito em favor dos homens, como pregação do Evangelho a pecadores, ou o ministério da Palavra de Deus aos crentes. Usamos a frase «culto doméstico», que serve bem como a empregamos, porque a família oferece o «fruto dos lábios» a Deus, além da leitura das Escrituras.

Se nos conformamos com a palavra como usada na Bíblia, há três formas de culto: (1) petições, (2) ações de graças ou louvores, (3) adoração. A última é o serviço mais alto que o homem pode oferecer a Deus, e é muito raro. Precisa de inteligência espiritual e coração puro e preparado. É fruto de apreciação de Deus, o Pai e o Filho. Ações de graça ou louvores são o fruto de gratidão pelas bênçãos recebidas. O crente mais novo e simples quer e pode oferecer este culto a Deus.

Podemos dar uma ilustração da diferença entre estas formas de culto. Uma vez visitamos uma fazenda quando o pai da família voltava duma viagem à capital, depois duma ausência de alguns dias da casa. Reparámos a filhinha de nosso amigo a correr ao encontro do pai, quando apeava do cavalo. Ela abraçou o papai, que depois de a beijar, tirou uns doces da algibeira e lhe deu. A menina ficou bem satisfeita e voltou à casa. Então reparámos o filho mais velho sair para cumprimentar o pai. Depois de abraços ele não esperou doces ou outras «bênçãos». Era rapaz inteligente e apreciava a pessoa do pai, entendeu os negócios dele, e estava mais em comunhão com suas idéias e motivos. Assim os filhos de Deus devem crescer em inteligência espiritual e conhecimento do Pai e Filho.

ABUSO DA PALAVRA. O Brasil foi primeiramente evangelizado pelos missionários da Inglaterra e América do Norte. Trouxeram o Evangelho,

mas infelizmente também introduziram certas fraquezas e erros. Os crentes no Brasil não devem ficar surpreendidos com o abuso da palavra «culto». Na Inglaterra, por exemplo, a palavra tão sublime «adoração» (worship) é mal empregada da mesma maneira que «culto» aqui. Frequentemente vê-se nas placas dos salões protestantes na Inglaterra o seguinte convite aos transeuntes na rua, para assistir à pregação: «Convidamos nossos amigos para nos ajudar em adoração a Deus às 6.30». Isto quer dizer: o homem da rua é convidado para ouvir a pregação com a idéia de que assim está adorando a Deus! Não há dúvida, o «reverendo» pregador não possui a menor idéia de que seja a adoração verdadeira, quando ele julga que os pecadores são capazes de tomar parte em tal culto. Nosso leitor é capaz de responder: «Mas nós aqui não somos tão ignorantes como tais «reverendos» ingleses». Concordamos, porque o protestantismo no Brasil não está tão decadente como nos países protestantes. Tenhamos cuidado com nossa linguagem e frases bíblicas.

Pergunta 2. Podem o cristianismo e o comunismo ser unidos ou andar em harmonia?

Resposta. Lemos nos primeiros capítulos dos Atos que a Igreja primitiva praticava uma espécie de comunismo no princípio. Era voluntário e nada foi obrigatório. Fracassou depressa quando o poder do Espírito Santo enfraqueceu nos corações dos cristãos e lemos nada mais do assunto nas epístolas.

Mas nossa pergunta refere-se ao tipo do comunismo praticado na Rússia, o qual se chama «Marxismo», um sistema político em um «Estado policial».

Não devemos julgá-lo pela propaganda comunista num país como o

Brasil, porque não é verdadeira, mas formulada para enganar os simples. Devemos julgá-lo pelas condições onde o sistema predomina. Para julgar da Igreja Romana, devemos observá-la em países como a Espanha ou Colômbia, onde atualmente está em poder, ou nos Estados Papais, quando o Papa governava estas províncias da Itália, há cem anos, e o governo era o mais corruto que o mundo jamais registrou. É intolerante e perseguidora. Para julgar o nazismo pensamos dos seis milhões de judeus assassinados na Europa, os sofrimentos dos países subjugados por Hitler. Para julgar o comunismo olhemos para a Rússia, pensando dos milhões de camponeses que morreram de fome porque Stalin recusou aliviá-los e tirou deles seu alimento, porque não se conformaram com o sistema comunista de fazendas coletivas. Lembremo-nos dos 15 milhões que sofrem atualmente, e daqueles que já morreram nos campos de concentração, dos milhares «liquidados» nas «limpezas» judiciais, e das torturas nas prisões.

O apóstolo do comunismo foi Karl Marx, um judeu apóstata, ateu, de espírito amargo, e uma espécie de anarquista. O Apóstolo do Cristianismo foi o «Salvador do mundo». Vamos comparar seus manifestos. «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e Meu fardo é leve.» Então tomemos o manifesto de Karl Marx: «Os comunistas abertamente declaram que seus fins podem ser obtidos somente pela destruição, por força, das condições atuais da sociedade. Que as classes que governam temam em pensar na revolução comu-

nista.» Lenin e Trotsky (outro judeu apóstata) eram discípulos de Marx, e desejavam eliminar o cristianismo e o nome de Deus. Disseram que já haviam lançado o Czar Nicolas (que foi fuzilado com a mulher, filho e filhas) do trono, e agora iam lançar Deus de Seu trono também. Stalin descobriu durante a última guerra que sua perseguição dos cristãos era um erro político, e depois concedeu certa liberdade. Mandou assassinar seu rival, Trotsky, em México, e dizem que já «liquidou» todos seus colegas que no princípio o ajudaram na revolução.

Devemos julgar as coisas pelos efeitos. Quantos homens bons o Cristianismo tem matado? Um só morreu voluntariamente por outros; Ele não veio para destruir as vidas dos homens. Quantos bons tem a Igreja Católica matado? Quantos homens bons tem o Maometanismo matado? E o Nazismo? Mas o Comunismo tem «eliminado» mais do que os outros todos juntos.

Mas alguns julgam que se o comunismo fôsse aliado com o Cristianismo andaria melhor. Que concórdia há entre Cristo e Belial! Os comunistas afirmam que qualquer outro sistema tem de ser eliminado e o comunismo entronizado; que os meios são justificados pelos fins. Os meios (admitem) são mentira, assassinio, força, traição à pátria ou à família ou aos amigos; tudo serve para trazer a vitória a este sistema diabólico.

Mas ainda temos a pergunta: Como devemos tratar os crentes verdadeiros que julgam que o comunismo seja bom? Convém ensinar-lhes mais as verdades da Bíblia e animá-los para tomar mais parte ativa na evangelização. Quando experimentarem mais o poder do Evangelho, sua fé no comunismo há de desaparecer. O que

êles ouvem não é o comunismo verdadeiro, mas a propaganda duma política de idealismo.

Lemos nos jornais americanos que há pastôres nas denominações que falam a favor do comunismo. O Chefe do Departamento da Investigação Criminal, Sr. Edgar Hoover, acusa tais pastôres desta propaganda. Este fato é confirmado por outros jornais evangélicos que concordam em dizer que os pastôres que fazem esta propaganda são modernistas. Êles já têm traído seu Salvador, pisando no sangue precioso; negam a fé cristã e desacreditam nas Escrituras. Quando os homens largam a fé cristã, enchem a lacuna com qualquer espírito. Tanto comunistas como modernistas são crentes na evolução, e a terceira mentira de Satanás em Éden faz um apêlo a ambas as classes.

Pergunta 3. Deve o crente crer em credos?

Resposta. É impossível um crente fazer o contrário. A palavra «credo» significa «Eu creio», e se uma pessoa não crê, não é crente. Mas a pergunta pode referir-se aos credos do Cristianismo, como o «Credo Apostólico» ou o «Credo Niceano». O primeiro é muito antigo, data dos primeiros séculos da era cristã. O segundo foi formulado no sínodo de Nicéia em 325, para combater o arianismo, doutrina que negava a divindade de Cristo.

O Credo Apostólico é aceito pela Igreja Católica Romana e por igrejas protestantes ortodoxas. É um resumo da fé cristã fundamental. No meio protestante onde o modernismo tem entrado, o credo apostólico não é aceito. Os crentes no Brasil não devem ter qualquer receio do credo apostólico mas devem rejeitar tudo que o nega. Nosso credo não deve ser limitado ao credo apostólico, mas deve abranger tôdas as verdades da Bíblia. A Igreja

Católica Romana aceita os dois credos mencionados, mas tem-lhes acrescentado tantas outras doutrinas que o Senhor diria: «Invalidastes pela vossa tradição o mandamento de Deus» (Mat. 15:6). Os fariseus não negavam as Escrituras como faziam os saduceus. A vasta maioria dos «protestantes» são como os saduceus, porque negam a Palavra de Deus. Os dois credos mencionados representam apenas o mínimo que o crente deve crer e foram escritos para guardar os cristãos contra as heresias que ameaçavam a Igreja nos primeiros séculos.

Pergunta 4. Quando a Bíblia fala do Arcanjo Miguel, refere-se a Cristo?

Resposta Certamente que não. Lemos em Judas, vers. 9, que o arcanjo não ousou pronunciar juízo de maldição contra o Diabo, mas disse: «O Senhor te repreenda». O Senhor aqui refere-se a Jeová, como o título é traduzido no Novo Testamento. Mas sabemos que Cristo repreendeu Satanás diversas vezes. Miguel é criatura, mas o Senhor Jesus não é, sendo Deus. As «Testemunhas de Jeová» ensinam esta heresia, e seus colportores andam em tôda parte vendendo sua literatura. Infelizmente há crentes simples que compram livros e assim ajudam a heresia financeiramente. São capazes de beber desta fonte contaminada e envenenada. As «Testemunhas de Jeová» mudam seu nome de vez em quando. O antigo nome era «Russelitas», seguidores dum dos fundadores, Russel.

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade